

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
**AS RELAÇÕES ENTRE COGNIÇÃO E AFETIVIDADE EM LA:  
A INFLUÊNCIA DE VYGOTSKY  
NESSA ABORDAGEM TEMÁTICA**

*Elisabeth Ramos da Silva* (UNITAU)  
[lis.ramos@uol.com.br](mailto:lis.ramos@uol.com.br)

## INTRODUÇÃO

A questão da afetividade tem sido contemporaneamente tema de pesquisas em Linguística Aplicada (LA). Trata-se de um assunto complexo que entrou em voga nas discussões de LA há algumas décadas. O interesse pelos aspectos afetivos não foi uma herança da Linguística, uma vez que muitos estudos lingüísticos assentaram-se predominantemente na concepção cognitivista, inscrita na tradição cartesiana, que pressupõe a dicotomia entre afetividade e cognição, considerando a linguagem como produto da atividade racional do indivíduo. Nessa perspectiva, razão e afeto diferenciam-se, havendo explicitamente a primazia daquela em detrimento deste. (Rodriguez, 1994)

Tal como afirma a autora, cremos que o interesse pelos aspectos afetivos ocorreu porque as pesquisas em LA contemplaram o ensino e aprendizagem de línguas. Tal temática incluía uma dimensão didática que não poderia ser ignorada. Tratava-se de um processo que ocorria entre pessoas, e isso demandava abrigar outras questões, pois os sujeitos de pesquisa, alunos ou professores, não se resumiam a aspectos racionais ou cognitivos; pelo contrário, havia interesses, motivações, frustrações, desejos, entre outras manifestações afetivas, que sempre tornavam nítido o papel da afetividade na aprendizagem de línguas. Assim, ainda que a Linguística tivesse ignorado tais questões, o mesmo não podia ocorrer com a LA, já que se impunham evidências tangíveis que obrigavam os pesquisadores a rever o papel da afetividade. A LA, portanto, precisou conferir um tratamento interdisciplinar a suas análises, mantendo sempre o foco de interesse na linguagem, mas igualmente atentando para outras questões relevantes à interpretação dos dados obtidos em pesquisas. Nessa direção, enquadra-se a temática das relações entre afetividade e cognição.

**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**ANTIGOS PRESSUPOSTOS**

Conceber a emoção como um aspecto da constituição humana que se diferencia e que muitas vezes se opõe à racionalidade tem sido um pressuposto freqüente na história da Filosofia. De acordo com Arantes (2004), muitos pensadores adotaram a idéia da dissociação entre razão e emoção ao refletirem sobre a natureza humana. Platão, por exemplo, acreditava que a virtude consistia na libertação das paixões a fim de priorizar o pensamento, uma vez que “Agir moralmente é agir racionalmente, e agir racionalmente é filosofar, e filosofar é suprimir os sentidos, morrer aos sentidos, ao corpo, ao mundo, para o espírito, o inteligível, a idéia. (Padovani e Castagnola, 1990, p. 119)

Ainda segundo os autores supracitados, Descartes, ao criar a célebre asserção: "Penso, logo existo", também atribui ao pensamento o valor de excelência, isto é, o conhecimento intelectual ganha a primazia, havendo, em contrapartida, a desvalorização total do conhecimento sensível. “O mundo dos sentimentos, das emoções, das paixões é desvalorizado por Descartes em campo prático, como a sensação o fora em campo teórico.” (Padovani e Castagnola, 1990, p. 291). Para o pensador, tais estados de alma eram vistos como irracionais, portanto era preciso combatê-los e aniquilá-los.

Do mesmo modo, Kant considerava as paixões como enfermidades da alma, o que evidencia haver na obra deste filósofo uma hierarquia entre razão e emoção (Arantes, 2004). Assim, a idéia de que as emoções são instâncias menos dignas da natureza humana, podendo inclusive embotar o pensamento, é um pressuposto filosófico ainda em voga, sobretudo quando se trata do senso comum.

Vimos que Rodriguez (1994) alude às concepções cognitivistas ao tratar da afetividade como tema em LA. A autora chama a atenção para duas questões presentes no cognitivismo: “a separação entre afetividade e cognição, por um lado, e, por outro, a transparência e homogeneidade atribuída aos fenômenos subjetivos”. Sendo assim, se as discussões em LA estiverem centradas no cognitivismo, é natural que a afetividade seja concebida como um fator diferenciado da capacidade racional e cognitiva e que, por isso, seja considerada como um aspecto somenos para a compreensão da atividade cognoscitiva: “Racionalidade e afetos são diferenciados, sendo a primeira responsável não só pelo funcionamento da linguagem, mas por todas as capacidades subjetivas. A afetividade não tem, assim, um lugar nesse quadro.” (Rodrigues, 1994, p. 8)

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No entanto, a autora adverte que a LA tem repensado a questão da afetividade. Trata-se, como se pode notar, de um texto escrito em 1994, o qual nos esclarece como as questões relativas à afetividade tornaram-se foco de interesse em LA. Nessa direção, vimos que Rodrigues (1994) aponta que a LA, por investigar o processo da aquisição de línguas, sobretudo de línguas estrangeiras, abrigou como foco de interesse as questões didáticas que envolvem tal processo. Ora, nessas questões, os aspectos afetivos não podem ser ignorados. Assim, a LA passa a considerá-los, porém:

Essa re-consideração, para manter a coerência com o paradigma cognitivista no qual essa disciplina está instituída, deve ser efetuada sem questionar a preeminência atribuída à racionalidade e a sua independência em relação aos fenômenos afetivos. (Rodrigues, 1994, p. 8)

Tais palavras nos permitem crer que, na década de 90, a LA ainda conferia primazia à racionalidade, à cognição, mesmo que abrigasse a idéia de que a afetividade também atuava no ensino/aprendizagem de línguas.

## NOVOS ENFOQUES

Atualmente, encontramos textos e estudos em LA que se mostram mais afeitos à visão contemporânea que entende cognição e afetividade como aspectos indissociáveis, tais como Castro(2006; 2007); Romero (2007); Renda e Tápias-Oliveira (2007); Silva e Abud (2007). Cremos que um dos motivos que levaram a LA não só a considerar os aspectos afetivos, mas, sobretudo, a integrar dialeticamente cognição e afetividade foi a adesão de muitos linguistas aplicados às idéias de Vygotsky. De fato, por dedicar-se nitidamente a investigações quanto ao ensino e aprendizagem de línguas, o que implica interesse pelo processo educativo, a LA tem apresentado estudos que se fundamentam nas concepções socio-interacionistas de Vygotsky relativas à linguagem, ao papel da escola e à atuação docente.

Segundo a perspectiva sociointeracionista, a aprendizagem é entendida como um fenômeno que se realiza por meio da interação com o outro, possuindo, portanto, uma forte dimensão cultural. E tal fenômeno só é possível mediante a utilização de sistemas simbólicos culturalmente aprendidos. Entre tais sistemas, está a linguagem. Assim considerando, a obra de Vygotsky contempla muitas das principais questões abordadas pela LA. Aborda os aspectos didáticos tão necessários ao ensino de lín-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

guas, mas enfatiza o papel da linguagem e da intervenção do outro na construção do conhecimento, não se restringindo a aspectos pedagógicos apenas.

Se as idéias de Vygotsky oferecem importantes contribuições à LA, nada mais pertinente do que repensar a afetividade de acordo com tais postulados. Destarte, seria incoerente fundamentar estudos em asserções de Vygotsky, mas desprezar a questão da afetividade, a qual é um fator significativo em suas reflexões.

### O PAPEL DA AFETIVIDADE EM VYGOTSKY

Vygotsky foi influenciado por Espinosa, filósofo que propunha a solução monista para os problemas relacionados ao corpo e à alma, ao sentimento e à razão (Gleizer, 2005). Vygotsky opõe-se, portanto, às teorias dualistas que, coerentes aos pressupostos da filosofia cartesiana, separavam corpo e mente, sentimento e razão. Para Vygotsky, a compreensão do pensamento humano só é possível quando se considera sua base afetivo-volitiva, uma vez que as dimensões do afeto e da cognição estão desde cedo relacionadas íntima e dialeticamente. Por sua vez, a vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral (Oliveira e Rego, 2003)

As autoras supracitadas observam que, para Vygotsky, o papel da afetividade na configuração da consciência só pode ser examinado por meio da conexão dialética estabelecida com as demais funções. Nessa conexão, o repertório cultural, as inúmeras experiências e interações com outras pessoas representam fatores imprescindíveis para a compreensão dos processos envolvidos. Por esse prisma, o sujeito (de acordo com a psicologia histórico-cultural) é produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos (história anterior do indivíduo) e externos (situações sociais).

Vygotsky considerava que, no decorrer do desenvolvimento, as emoções vão se transformando, isto é, vão se afastando da origem biológica e se constituindo como fenômeno histórico-cultural. Essas mudanças qualitativas que ocorrem com as emoções ao longo do desenvolvimento dizem respeito ao aumento de controle do homem sobre si mesmo. A razão, o intelecto (desenvolvido graças ao crescente domínio de instrumentos culturais), tem a capacidade de controlar os impulsos e as emoções mais primitivas (auto-regulação do comportamento). No entanto, não se

trata de uma razão opressora, mas sim de uma razão a serviço da vida afetiva, constituindo-se como um instrumento de elaboração e refinamento dos sentimentos (Oliveira e Rego, 2003).

É importante assinalar que Vygotsky chama a atenção para o papel da linguagem nessas mudanças qualitativas dos sentimentos, uma vez que os modos de pensar e de sentir são carregados de conceitos culturalmente aprendidos. Para o autor, a gênese da vida afetiva social é mediada pelos significados construídos no contexto cultural em que o sujeito se insere. Cada sujeito elabora e lida de modo singular com as mesmas determinações e influências sociais. Assim, o homem aprende a pensar, a agir, a falar e a sentir de acordo com sua cultura. Um ocidental pensa e sente diferente de um oriental ou de um muçumano. O conceito de fidelidade e de ciúme, por exemplo, é diferente de acordo com a cultura. Do mesmo modo, o medo da morte está relacionado à crença na vida depois da morte ou à reencarnação; a cobiça e a generosidade são diferentes em sociedades capitalistas quando comparadas a sociedades em que não há dinheiro nem classes sociais (Oliveira e Rego, 2003).

Em síntese, ainda segundo as autoras, o comportamento e o funcionamento mental humano devem ser estudados em quatro diferentes planos genéticos: o plano da filogênese (história da espécie), o da ontogênese (história do próprio indivíduo), o da sociogênese (história do grupo cultural) e o da microgênese (história da formação de cada processo psicológico específico em curto prazo, bem como das experiências vividas pelo indivíduo). Este último plano caracteriza a emergência do psiquismo individual no entrecruzamento do biológico, do histórico e do cultural. A dimensão da singularidade é central na questão da afetividade e remete à constituição subjetiva do sujeito e ao conceito de personalidade.

Vemos que Vygotsky adota uma abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. O fato de o homem nomear os sentimentos faz com que estes sejam percebidos de maneira diferenciada, já que para identificá-los é preciso escolher o conceito (a palavra) que exprima os traços característicos que distinguem um determinado sentimento. Por exemplo: o sentimento de medo é diferente do sentimento da raiva. Nomeá-los implica reconhecer as peculiaridades de um e de outro. Assim, os sentimentos mantêm relação com o pensamento por serem conceitos, e estes foram aprendidos e impostos pelo meio. Daí ser cultural chamar um determinado sentimento de, por exem-

plo, ciúme. Trata-se de uma operação cognitiva e, concomitantemente, de uma manifestação afetiva.

É importante salientar que, segundo Oliveira (1992, p. 80):

A cultura não é pensada por Vygotsky como um sistema estático ao qual o indivíduo se submete, mas como uma espécie de 'palco de negociações' em que seus membros estão em constante processo de criação e de reinterpretação de informações, conceitos e significados. Ao tomar posse do cultural, o indivíduo o torna seu, passando a utilizá-lo como instrumento pessoal de pensamento e ação no mundo.

Ainda conforme a autora, na teoria de Vygotsky há distinção entre dois componentes presentes no significado da palavra: o "significado" propriamente dito, referente ao sistema de relações objetivas que se forma no processo de desenvolvimento da palavra, e o "sentido", que é referente ao significado que a palavra assume para cada pessoa. Neste último, relacionado às experiências individuais, é que residem as vivências afetivas. Em tal sentido, a autora afirma que "no próprio significado da palavra, tão central para Vygotsky, encontra-se uma concretização de sua perspectiva integradora dos aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano". (Oliveira, 1992, p. 82)

### POSSÍVEIS CONCLUSÕES

Se, em Vygotsky, a afetividade é um componente que integra o aspecto cognitivo, sendo ambos os aspectos indissociáveis, por que a obra de Vygotsky tem sido frequentemente associada apenas à dimensão cognitiva? Em sua obra "A construção do pensamento e da linguagem (2001) encontram-se as seguintes palavras:

Quando falamos da relação do pensamento e da linguagem com os outros aspectos da vida da consciência, a primeira questão a surgir é a relação entre intelecto e afeto. Como se sabe, a separação entre a parte intelectual da nossa consciência e sua parte afetiva e volitiva é um dos defeitos radicais de toda a psicologia tradicional. [...] Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento nesse ou naquele aspecto. (Vigotski, 2001, p. 15-16, grifo nosso)

Tais palavras atestam a importância que Vygotsky confere às relações entre o pensamento (cognição) e afetividade. Se assim é, por que os aspectos afetivos são pouco mencionados em estudos que se pautam na teoria de Vygotsky?

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Oliveira e Rego (2003) tecem duas possíveis hipóteses para explicar tal fato: ou a obra de Vygotsky prioriza os aspectos intelectuais, apesar de sustentar a integração dialética entre cognição e afetividade, ou os leitores assim a interpretaram devido à concepção dualista que ainda subsiste. As autoras acreditam na segunda hipótese:

Supomos que a segunda hipótese seja a correta, já que a separação dos domínios afetivos e cognitivos tem uma longa tradição no campo da psicologia. Sabemos que a tendência dualista ainda não está totalmente superada nos estudos contemporâneos, portanto, ela pode ter ‘contaminado’ (ou influenciado) o modo como suas idéias foram selecionadas, difundidas e internalizadas por seu público leitor. (Oliveira e Rego, 2003, p. 18)

Acreditamos que a LA esteja se libertando dessa “contaminação” e assumindo a integração entre os aspectos cognitivos e afetivos, já que se pauta muitas vezes nas considerações de Vygotsky. Assim, ainda que sobrevivam pesquisas que se orientem na dicotomia entre afetividade e cognição, vemos que os antigos paradigmas estão sendo substituídos por essa visão integradora entre cognição e afetividade. Afinal, como afirma Vygotsky, separar na consciência humana a parte intelectual da parte afetiva é um defeito radical, pois:

Neste caso, o pensamento se transforma inevitavelmente em uma corrente autônoma de pensamentos que pensam a si mesmos, dissocia-se de toda a plenitude da vida dinâmica, das motivações vivas, dos interesses, dos envolvimento do homem pensante e, assim, se torna ou um epifenômeno totalmente inútil, que nada pode modificar na vida ou no comportamento do homem, ou uma força antiga original e autônoma que, ao interferir na vida da consciência e na vida do indivíduo, acaba por influenciá-las de modo incompreensível. (Vigotski, 2001, p. 16)

Creemos que a genialidade de Vygotsky tem nos apontado caminhos não só para a compreensão do pensamento e linguagem, mas também para o papel da afetividade na consciência humana. Assim, a LA não pode ignorar tais questões em nome de concepções que não mais se sustentam contemporaneamente.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade e cognição*: rompendo a dicotomia na educação. [s.l.]: Editora Mandruvá, 2004. Disponível em <<http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>>. Acesso em 01 de agosto de 2004.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CASTRO, Solange T. Ricardo. Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: a perspectiva de ingressantes em um curso de Letras. *Revista Ciências Humanas*. Taubaté, 2006 [no prelo].

———. O desenvolvimento do componente afetivo da aprendizagem de língua estrangeira em cursos de Letras: fator crucial para a formação do futuro professor. **In:** SILVA, Elisabeth Ramos; UYENO, Elzira Yoko; Abud, Maria José Milharezi (orgs.). *Cognição, Afetividade e Linguagem*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007. p. 187-208.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. **In:** DE LA TAILLE, Yves de Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 16 ed. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. **In:** ARANTES, Valéria Amorim (org). *Afetividade na escola*. São Paulo: Summus, 2003.

PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. História da Filosofia. 15<sup>a</sup> ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

RENDA, Vera Lúcia Batalha de Siqueira; Tápias-Oliveira, Eveline Mattos. Primeiro a obrigação, depois a devoção? **In:** SILVA, Elisabeth Ramos; UYENO, Elzira Yoko; Abud, Maria José Milharezi (orgs.). *Cognição, afetividade e linguagem*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007, p. 305- 330.

RODRIGUES, Carolina. Afetividade e inconsciente na didática de línguas. **In:** DELTA, Vol. 10. n° 1, 1994, p.7-19.

ROMERO, Tânia Regina de Souza. A dimensão afetiva no processo de reflexão crítica. **In:** SILVA, Elisabeth Ramos; UYENO, Elzira Yoko; Abud, Maria José Milharezi (orgs.). *Cognição, afetividade e linguagem*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007. p. 209 – 234.

SILVA, Elisabeth Ramos; Abud, Maria José Milharezi. Representações discentes acerca do bom professor: as características de personalidade como tecnologia de trabalho na relação pedagógica. **In:** SILVA, Elisabeth Ramos; UYENO, Elzira Yoko; Abud, Maria José Milharezi (orgs.). *Cognição, afetividade e linguagem*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007, p. 261-282.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.